

# A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA E METONÍMICA DO SIGNO EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: UMA ANÁLISE COGNITIVO-CULTURAL

## THE METAFORIC AND METONIMMIC CONSTRUCTION OF THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: A COGNITIVE-CULTURAL ANALYSIS

Henrique Huelva Unternbäumen<sup>1</sup>, Patricia Tuxi dos Santos<sup>2</sup>,  
Alex Bezerra Leitão<sup>3</sup>, Ione Midon Pereira<sup>4</sup>,  
Virgílio Soares da Silva Neto<sup>5</sup>, Ellen Correia Araujo<sup>6</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar metáforas e metonímias na construção de gestos conceituais relacionados aos sentimentos e às ações mentais pelos surdos. A investigação é desenvolvida no âmbito da Teoria da Metáfora Cognitiva Conceitual, formulada originalmente por Lakoff e Johnson (1980) e ampliada, posteriormente, por Kövecses (2005), em relação à variabilidade intercultural da metáfora. A relação metonímica é abordada também pelos teóricos já mencionados e, neste artigo, recebe especial atenção o trabalho feito por Wilcox (2000), Wilcox, Wilcox e Jarque (2004) e Littlemore (2015) sobre conexões conceituais na língua de sinais. A base empírica do estudo está formada pelos sinais dos surdos brasileiros concernentes à afetividade (angústia e ódio) e à cognição e/ou processos mentais (aprender e raciocinar). A análise desses signos aponta que, na Língua Brasileira de Sinais, há relações metafóricas e metonímicas baseadas em *mappings* e que partes do corpo recebem e expõem sentimentos, além de agirem e movimentarem objetos, em uma relação metonímica visível da parte pelo todo.

**Palavras-chave:** Metáfora conceitual. Conceituação metonímica. Língua de sinais.

<sup>1</sup> Doutor em Linguística e mestre em Filologia Hispânica e História pela Universidade de Bielefeld (Alemanha). Professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Professora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, na área de Língua Brasileira de Sinais.

<sup>3</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília, mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília e professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

<sup>4</sup> Mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Seção Psicopedagógica da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília. Tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais da Universidade de Brasília.

## ABSTRACT

*This article has the objective to analyze metaphors and metonymys in the construction of conceptual gestures related to feelings and mental actions by deafs. The research is developed in the framework of Cognitive Conceptual Metaphor theory, originally formulated by Lakoff and Johnson (1980) and expanded later by Kövecses (2005), in relation to cross-cultural variability of metaphor. The relationship of metonymy is addressed also by the aforementioned theoretical and, in this article, receives special attention the work done by Wilcox (2000) Wilcox, Wilcox and Jarque (2004) and Littlemore (2015) about conceptual connections in sign language. The empirical basis of the study is formed by signs of Brazilian deafs concerning to affectivity (anguish and hatred) and cognition and/or mental processes (learn and reason). The analysis of these signs points out that, in the Brazilian Sign Language, there are metaphors and metonymys based on mappings, witch shows that parts of our bodies receive and expel feelings, besides acting and moving objects in a visible metonymycal relation part for whole.*

**Keywords:** *Conceptual metaphor. Conceptualization of metonymy. Sign language.*

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar resultado de pesquisa sobre a construção da metáfora e da metonímia de quatro signos da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras. A pesquisa se inicia com a escolha dos seguintes signos: dois relacionados aos sentimentos (angústia e ódio) e dois relacionados à cognição/processos mentais (aprender e raciocinar).

No primeiro capítulo, são apresentados conceitos relacionados à metáfora de acordo com pressupostos da linha teórica da Semântica Cognitiva, introduzida por Lakoff e Johnson (1999, 1980) e ampliada por Kövecses (2005, 2010). Nessa primeira parte, introduzimos termos relacionados à metáfora conceitual, aos elementos constituintes da metáfora, à relação entre metáforas primárias e complexas e à ideia das metáforas conceituais e de sua variabilidade cultural. Além disso, são apresentados conceitos relacionados à metonímia com base, principalmente, na teoria cognitiva apresentada por Littlemore (2015), observada sua relação com o modelo cognitivo idealizado e estabelecidos seus princípios determinantes.

No segundo capítulo, apresentamos estudos relacionados à constituição dos sinais a partir da perspectiva da forma e do conteúdo. Para tanto, fazemos breve percurso sobre estudos de Saussure (2006 [1913]) e avançamos em análise do ícone a partir do trabalho de Pierce (2010 [1914]), Faulstich (2007) e Costa (2015), com objetivo de apresentarmos análise da constituição metonímica e metafórica em Libras.

A metodologia é apresentada no terceiro capítulo. A abordagem deste artigo é qualitativa (CHIZZOTTI, 2006) e adotamos a modalidade estudo de caso de caráter interpretativista (CHADDERTON; TORRANCE, 2015). Foram escolhidos quatro signos e realizado estudo empírico da construção metonímica e metafórica desses sinais.

No quarto capítulo, é realizada análise dos dados mediante apresentação e reflexão de *mappings* metafóricos e metonímicos na representação icônica dos sinais analisados. A análise revela que a metáfora e a metonímia fazem parte da construção de conceitos na cultura brasileira e na

constituição de signos em Libras. No próximo capítulo, apresentamos, brevemente, conceitos fundamentais sobre a metáfora e a metonímia, que serão aplicados na análise dos sinais escolhidos.

## 1 METÁFORA E METONÍMIA

### 1.1 A METÁFORA CONCEITUAL

Manuais de Língua Portuguesa para brasileiros costumam apresentar a metáfora como recurso da retórica, utilizada para embelezar textos, cuja utilização é muito comum em narrativas literárias e poéticas. Além disso, a metáfora normalmente é concebida como uma palavra que é usada em sentido que não lhe é próprio. Cereja (2009, p. 273), por exemplo, define a metáfora como “figura de linguagem que consiste no emprego de uma palavra em um sentido que não lhe é comum ou próprio, sendo esse novo sentido resultante de uma relação de semelhança, de interseção entre dois termos”.

No entanto, imaginemos que as frases a seguir sejam proferidas em ambiente laboral:

- (1) Você está desperdiçando meu tempo.
- (2) Tempo vale ouro, caros colegas.
- (3) Somos escravos do tempo.

Como falantes do português do Brasil, certamente já ouvimos e/ou reproduzimos as frases acima algumas vezes e reconhecemos que elas fazem parte do nosso *corpus* linguístico. Nos enunciados, percebemos que, em discurso corriqueiro, o trabalho é medido, quantificado e remunerado pelo tempo que ele toma, o que nos leva a estabelecer uma relação do tipo TEMPO É UMA ENTIDADE, representada pelo dinheiro.

Essa percepção de que a metáfora faz parte do nosso dia a dia se destaca a partir de estudos iniciados por Lakoff e Johnson (1980), nos quais a metáfora passa a ser vista como um mecanismo da cognição humana que constrói o mundo, tendo como ponto de partida nossas experiências cotidianas.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980) e Kövecses (2005, 2010), a metáfora possui dois domínios, que são mecanismos da cognição humana construídos a partir de nossas experiências cotidianas. Para falarmos sobre o tempo, por exemplo, quantificamos e valorizamos o trabalho em uma relação mercantil, que tem o capital, o lucro e o dinheiro como maior objetivo. Ambos os domínios (tempo e trabalho/dinheiro) fazem parte da nossa cultura ocidental moderna e indicam uma relação de uma experiência para conceituar a outra, estabelecendo a seguinte relação: Metáfora Conceitual: Domínio Conceitual A (tempo) = Domínio Conceitual B (dinheiro).

Segundo Kövecses (2010), na frase (4) Ele está *sem direção na vida*, por exemplo, os termos lexicais *sem*, *direção* e *na* carregam uma organização experiencial: *sem* indica o desprovemento de algo, *direção* nos leva a um deslocamento de um ponto a outro e *na*, a relação de estarmos dentro. A manifestação dessas expressões linguísticas metafóricas experienciadas e concretas é o que nos leva à conceituação do domínio A (vida), que é abstrato, estabelecendo a seguinte relação: VIDA É JORNADA.

Portanto, expressões linguísticas metafóricas revelam a existência de metáforas conceituais. Elas normalmente empregam um conceito mais abstrato como domínio alvo e um mais concreto ou físico como domínio fonte. Assim, nossas experiências com o mundo físico servem como fundamentação lógica para a compreensão de domínios mais abstratos.

## 1.2 ELEMENTOS CONSTITUINTES DA METÁFORA

Ao falarmos sobre a vida, é possível encontrarmos frases como as que seguem:

- (5) Ele nunca deixou que alguém entrasse em seu caminho.
- (6) Estou em uma encruzilhada em minha vida.

Essas frases nos permitem chegar a uma experiência conceitual do tipo A é B: VIDA É JORNADA, conforme explicamos anteriormente. Kövecses (2010) esclarece que o conceito A é compreendido em termos do conceito B e que há uma relação entre os domínios fonte e alvo no sentido de que elementos constitutivos conceituais de B correspondem a elementos constitutivos de A. Esses domínios da metáfora conceitual (A e B) recebem nomes especiais:

Domínio fonte: é o domínio conceitual do qual extraímos expressões metafóricas para compreendermos outro domínio também conceitual. Ex.: DINHEIRO, JORNADA, GUERRA, CONSTRUÇÕES, COMIDA, PLANTAS.

Domínio alvo/meta: é o domínio conceitual que é compreendido pela conceituação do domínio fonte. Ex.: TEMPO, VIDA, ARGUMENTOS, AMOR, TEORIA, IDEIAS, ORGANIZAÇÕES SOCIAIS.

Para Lakoff e Johnson (1980), o domínio fonte é o de natureza mais concreta, enquanto o alvo/meta é o domínio mais abstrato. Para a compreensão de um domínio sobre o outro, conexões (*mappings*) são estabelecidas entre eles. Ao falarmos sobre o amor (AMOR É UMA VIAGEM), por exemplo, observamos que compreendemos um domínio (B) sobre o outro (A) pelo fato do nosso conhecimento experienciado (B) nos servir de base para estabelecermos essas conexões (A é B).

## 1.3 METÁFORAS PRIMÁRIAS E COMPLEXAS

Segundo Lakoff e Johnson (1999), metáforas primárias e complexas fazem parte de nosso cotidiano. Um exemplo de metáfora primária é o ato de encher um copo de água. Ao fazermos isso, observamos que o nível da água sobe, estabelecendo-se uma correlação inseparável entre as variáveis quantidade e verticalidade. A percepção desse fenômeno, que é uma ação física e concreta, passa por um processo inconsciente de associação entre essas variáveis. Assim, a ação de encher um copo de água é percebida em um nível sensorio-motor e interpretada em uma relação intrínseca do tipo MAIS É PARA CIMA (MORE IS UP).

De acordo com os autores Lakoff e Johnson (1999), os seres humanos as adquirem automaticamente e inconscientemente por um processo normal e ordinário de aprendizagem proveniente das experiências sensorio-motoras e afetivo-cognitivas. Para eles, nós não temos escolha nesse processo, já que nossas experiências são corporificadas a partir da nossa exposição e percepção do mundo que nos cerca. O caráter incorporado das metáforas assume, portanto, uma dimensão universal, uma vez que as metáforas primárias são adquiridas de forma espontânea, sem que precisemos de um esforço formal para sua aquisição.

Dessa forma, mediante nossa exposição e percepção do meio em que vivemos, centenas de metáforas primárias são formadas pelo simples fato da nossa experiência diária. Conforme os autores Lakoff e Johnson (1999), elas são responsáveis pela formação de metáforas complexas, formadas pelo conjunto de metáforas primárias a partir de redes de conexões conceituais que formam a base da conceituação de domínios mais abstratos.

A facilidade que temos para compreender e entender conceitos parte, portanto, do concreto para o abstrato, do domínio fonte para o domínio alvo e é graças às nossas experiências sensoriais e elementares que conseguimos estabelecer esse conjunto de correspondências sistemáticas mais complexas.

Pelas conexões estabelecidas de verticalidade e quantidade pela metáfora primária (MAIS É PARA CIMA), mediante nossa percepção do enchimento do copo d'água, por exemplo, chegamos a compreender correspondências de uma metáfora complexa ao dizermos uma frase do tipo:

(7) Os preços sobem.

Dessa forma, o domínio sensório-motor de orientação vertical marcado pelo verbo subir (domínio fonte) quantifica a subida dos preços, de conceituação abstrata (domínio alvo). Ou seja, nossas experiências conexão entre domínios primários nos leva a conceituar um domínio mais abstrato e complexo.

#### 1.4 METÁFORAS UNIVERSAIS E VARIABILIDADE CULTURAL

Conforme podemos observar, o sentimento de alegria está presente em frases como:

(8) Ele é muito alto-astral.

(9) O rosto dela brilha.

(10) Eu não consegui conter meu entusiasmo.

De acordo com Kövecses (2005), a língua inglesa codifica diversos conceitos para alegria; no entanto, três metáforas conceituais sobre esse sentimento se destacam quando comparamos línguas como o inglês, o chinês e o húngaro, que pertencem a famílias linguísticas diferentes: ALEGRIA É PARA CIMA (HAPPY IS UP), como na frase “Ele é muito alto-astral”; ALEGRIA É LUZ (HAPPINESS IS LIGHT), como em “O rosto dela brilha”; ALEGRIA É UM FLUIDO EM UM CONTÊINER (HAPPINESS IS A FLUID IN A CONTEINER), como na frase “Eu não consegui conter meu entusiasmo”.

Mediante esse tipo de estudo, Kövecses (2005) explica que, aparentemente, muitas metáforas conceituais podem ser encontradas em diversas línguas. Para propor essa verificação da universalidade das metáforas, Kövecses (2005) estuda algumas línguas de diferentes troncos linguísticos e que representam culturas bastante diversas.

O autor Kövecses (2005) sugere que, como as metáforas têm sua base em uma experiência corporal que é universal, provavelmente sua conceituação aconteça em muitas línguas e culturas do mundo. Esse é o caso das emoções que, por mais que nossas experiências do sentir a afetividade sejam diversas entre culturas, há uma convergência para a universalidade.

Além de observar o caráter universal ou quase universal das metáforas, Lakoff e Johnson (1980) e Kövecses (2005) analisam metáforas culturais específicas e observam uma variabilidade cultural em sua conceituação. Portanto, as metáforas passam a ser analisadas a partir de determinados contextos culturais e a variabilidade cultural assume papel de relevância.

Kövecses (2005) afirma que as metáforas conceituais variam por dois motivos: a) culturas podem codificar de outra maneira os domínios alvo e fonte de uma mesma metáfora universal. Por exemplo, a palavra solução em “a solução dos meus problemas” é compreendida em inglês como um quebra-cabeça. Já os iranianos interpretam a solução por outra imagem metafórica, que seria a

de um líquido capaz de conceituar problemas; b) um conjunto de metáforas conceituais é usado para codificarem um domínio alvo; porém, uma língua/cultura apresenta uma preferência por algumas das metáforas empregadas. Americanos e húngaros, ao conceituarem o que significa a vida, por exemplo, codificam as metáforas da mesma forma, mas suas preferências conceituais divergem.

## 1.5 METONÍMIA CONCEITUAL

Recentes estudos sobre Metonímia têm apresentado duas abordagens principais: a cognitiva, que se preocupa com questões de propriedades conceituais da metonímia, e a linguística, que opera na constituição da linguagem (LITTLEMORE, 2015, p. 9).

Segundo Gibbs Junior (1994), a metonímia é um processo cognitivo e linguístico que nos permite usar um aspecto bem conhecido de alguma coisa substituindo a própria coisa, ou um aspecto dela, ou ainda algum aspecto muito próximo a ela. Na visão de Littlemore (2015, p. 4), metonímia “é um processo cognitivo em que um elemento conceitual ou entidade (coisa, evento, propriedade), o veículo, fornece um acesso mental para outra entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o alvo”.

Dessa forma, conforme a autora Littlemore (2015), é impossível encapsular todos os aspectos de nossas intenções de significado na linguagem que usamos, uma vez que pensamos “metonimicamente” porque é fisicamente impossível ativarmos conscientemente todo o conhecimento que temos de determinado conceito de uma única vez. Portanto, a metonímia pode ser vista como um processo cognitivo, o qual usamos a todo tempo enquanto fazemos uso da língua ou em qualquer forma de comunicação simbólica. Quando dizemos, por exemplo, *trens estão em greve*, queremos dizer que empregados da companhia de trens estão em greve.

Entretanto, para Littlemore (2015, p. 8), a metonímia tem um grande potencial para falhas de interpretação ou entendimento se o conhecimento compartilhado e expectativas não estiverem combinados, podendo, inclusive, causar mal-entendidos, pois a metonímia e as inferências metonímicas podem ser difíceis de serem detectadas, especialmente entre pessoas de diferentes culturas e/ou com distinta bagagem linguística.

## 1.6 MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS (ICM) DA METONÍMIA

Os *Idealized cognitive model* (ICM) são modelos flexíveis, com uma leve natureza idiossincrática de redes de conhecimento que temos em nossas cabeças/mentes (KÖVECSSES, 2005) e apresentam as seguintes funções: enfatizar a natureza enciclopédica, flexível e ligeiramente idiossincrática do conhecimento; abranger o conhecimento cultural, não restringindo ao “mundo real”; englobar visões subjetivas dos sujeitos sobre um determinado conceito; ser esquematizado ou flexível, estático e/ou dinâmico; e possuir caráter não necessariamente real.

Desse modo, no ICM PARTE PELO TODO (PART FOR WHOLE), quando falamos sobre pessoas, por exemplo, a metonímia tende a ter um forte efeito de despersonalização, reduzindo a pessoa a um atributo. Esse uso pode levar ao sexismo e a outras formas de preconceito, além de ofensas, categorizadas por pessoas que compartilham um mesmo atributo (normalmente negativo), como ocorre em: o gordinho, o surdo, a magrela, entre outros.

## 1.7 PRINCÍPIOS DETERMINANTES DA METONÍMIA

Os princípios determinantes estão relacionados às preferências e à ideia de que conceitos estereotipados são muito mais selecionados como veículos metonímicos que os não estereotipados.

Assim, conceitos estereotipados são provavelmente mais acessíveis ou cognitivamente mais disponíveis do que os menos estereotipados e são mais prováveis de serem usados como acesso a outras ideias (LITTLEMORE, 2015, p. 37).

O entendimento do mundo que nos rodeia é, portanto, encorpado (*embodiment*) – isso significa que entendemos as coisas em termos do que significam para nós e como melhor podemos usar ou interagir com elas de algum modo. Outra maneira de definir o termo corporificado é que nós, como seres humanos, temos uma visão de certa maneira mais egocêntrica do mundo (LITTLEMORE, 2015, p. 40).

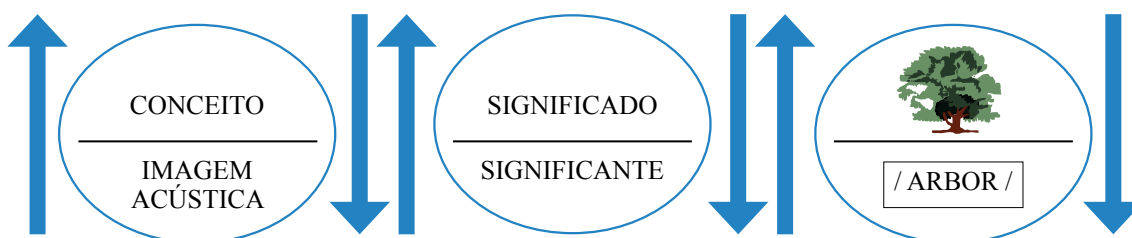
## 2 LÍNGUA DE SINAIS E ICONICIDADE

A noção linguística das línguas de sinais foi um campo conceitual complexo de ser aceito no meio científico e teórico. Por longo tempo, a Libras era comparada a um processo constituído de mímicas e gestos. Esse fato tem como agravante o número de sinais que apresentam um alto grau de iconicidade, representado a língua como uma mera cópia com as mãos de vários objetos do mundo real.

No entanto, esse discurso que desqualificava a Libras como língua deixa de ser considerado com os estudos de Stokoe (1960). Pesquisas feitas pelo linguista americano com a Língua Americana de Sinais, doravante ASL, demonstram que línguas de sinais possuem estrutura fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática, assim como ocorre com outras estruturas de línguas orais. Apesar da valorização no meio linguístico dos estudos de Stokoe, ainda há um relevante número de questionamentos acerca da constituição conceitual do sinal/signo em Libras.

De acordo com Faulstich (2007), para ocorrer análise de constituição de língua é necessário escolher em que abordagem será inserida a análise conceitual de estrutura e uso. Sendo assim, a autora analisa a língua de sinais a partir da abordagem estruturalista. Nessa abordagem, o signo linguístico, que tem como base o Princípio da Arbitrariedade de Saussure (2006 [1913]), é constituído de duas faces: significado e significante. Conforme o autor, o signo possui dois lados, como uma moeda, relacionadas entre si. De um lado há o som, a imagem acústica que se relaciona com o conceito que o falante tem da coisa e, do outro, o conceito, como podemos observar na Figura 1.

Figura 1 - Signo linguístico



Fonte: Saussure (2006 [1913]).

Na figura 1, há uma árvore que pode ser representada pela sequência de sons: /a-r-v-o-r-e/, que é o significante, enquanto que o conceito que se tem ao ouvir esse som é o significado. Sendo assim, é possível compreender que, para Saussure (2006 [1913]), o signo linguístico é uma representação do conceito gerado nas representações mentais. Segundo o autor, fica evidente que a imagem acústica vai além da transcrição fonológica, a qual deve ser entendida como a repre-

sentação mental que tais combinações de som podem gerar como significante que levam a um significado conceitual. Para Faulstich (2007, p. 145), há um propósito de ordem, onde o “significante e significados são os “organizadores”, os “discriminantes” da substância comunicada e da substância comunicante.

Apesar de a proposta do signo linguístico de Saussure (2006 [1913]) ser utilizada em várias linhas de pesquisa, principalmente as que têm como base o estruturalismo, no trabalho com Libras, dois elementos se tornam desconexos: o princípio da arbitrariedade e a imagem acústica.

O princípio da arbitrariedade tem como argumento central de que o signo linguístico é imotivado, conforme explica Costa (2015, p. 47), “já que não há nenhuma relação de similaridade entre o conceito ou a ideia de uma ‘coisa’ no mundo e a sequência sonora, ou seja, a nomeação que a representa”.

A imagem acústica é entendida como uma sequência de sons que tem uma representação mental que gera um determinado significado. Mesmo não partindo do princípio fonológico, que é a base do signo de Saussure (2006 [1913]), mas pensando na expressão conceitual, esta ocorre em língua de sinais por uma imagem social. É a partir dessa imagem que o segundo elemento se torna mais dissociativo do signo linguístico na língua de sinais, pois a imagem parte de uma forma, um conteúdo com representação no mundo social que, muitas vezes, leva a uma formação de um sinal icônico, estabelecendo, desse modo, uma relação do significado com o significante.

Para se trabalhar com o signo linguístico na perspectiva da forma e do conteúdo, que são elementos fundamentais da língua de sinais, é necessário deixar os estudos de Saussure (2006 [1913]) e passar para Pierce (2010 [1914]), para quem o signo pode ser denominado ícone, índice ou símbolo. Em virtude da proposta deste artigo de analisar sinais em Libras, a partir de pressupostos da teoria da Metáfora e da Metonímia, apresentamos análise mais profunda sobre o ícone. Sendo assim, abordaremos brevemente o conceito de símbolo e índice.

O símbolo é um signo com características relacionadas a leis, a convenções, a um hábito maior. Há símbolos sociais que marcaram historicamente, como a cruz, que representa as cruzadas. Já o índice se refere ao objeto e tem nele aspectos que podem inferir uma mudança conceitual sobre a própria referência. Exemplos apresentados por Costa (2015) são a fumaça, que pode indicar fogo, ou o carro amassado, que pode ser indicativo de um acidente.

O ícone é um signo que se refere ao seu objeto, o qual pode ser uma parte com características próprias do que ele possui. O ícone tem como referência a imagem, o que leva a uma representação da característica do objeto. Para Faulstich (2007), essa propriedade significante/significado, mediada pela motivação icônica, representa o signo linguístico na língua de sinais e demonstra a constituição deste na não-arbitrariedade.

Cabe discutir se a arbitrariedade do signo tem a mesma interpretação tanto para a modalidade oral-auditiva quanto para a visuo-espacial. Passaremos, a partir de então, a dar ênfase à relação entre significante e significado dos signos, por meio da propriedade que, no contexto visuo-espacial, fica obscurecida, que é a motivação icônica, entendida como iconicidade, ou seja, como não-arbitrariedade (FAULSTICH, 2007, p. 147).

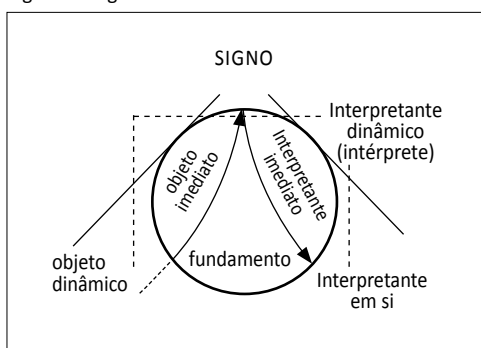
A partir das leituras feitas, é possível afirmar que, para Pierce (2010 [1914]), o signo tem a não-arbitrariedade como base. Segundo o autor, a construção do signo é baseada na forma, conforme podemos observar na Figura 2.

Na Figura 2, é preciso entender o caráter importante da iconicidade mental como elemento interpretante e dinâmico, ao se imaginar a constituição do signo em línguas de sinais.



O *REPRESENTAMEM* é o espaço no qual o signo representa algo para alguém. Já a figura mental gerada pela interiorização de um ícone representante nas línguas orais ou no mundo social representa um pensamento na nova língua, na nova cultura e no ser de uma língua de modalidade diferente da oral-auditiva, ou seja, visual-espacial, na qual a representação inicial entra como um ícone (que pode vir por uma configuração de mãos sem sentido ou empréstimo linguístico) e que, ao ser internalizado, passa por um novo signo na língua de sinais.

Figura 2 - Signo de Pierce



Fonte: Faulstich (2007, p. 147).

A motivação icônica já foi objeto de estudo de Wilcox (2000) nas metáforas em ASL. Para ele, os parâmetros das línguas de sinais estão ligados à formação semântica de uma determinada metáfora. De acordo com Costa (2015), há várias pesquisas que apontam a importância da iconicidade na representação de metáforas como constituição de língua. Em sua pesquisa, a autora aponta a presença do duplo mapeamento – *double mapping* – para as metáforas produzidas em línguas de sinais.

No icônico, o domínio fonte (DF) é representado através da iconicidade, mapeado com traços mais concretos e físicos. Em outros termos, um sinal possui

um mapeamento cujo DF seleciona características mais físicas para representar determinada entidade (COSTA, 2015, p. 57).

Neste artigo, analisamos sinais a partir da perspectiva corporificada da metáfora e da metonímia em diferentes contextos semânticos, nos quais há presença forte da iconicidade como forma de representação. No capítulo a seguir, explicamos a metodologia adotada para análise dos sinais.

### 3 METODOLOGIA

O referencial metodológico deste artigo está pautado na pesquisa qualitativa na modalidade estudo de caso de caráter interpretativista. Apresentamos, a seguir, princípios da abordagem qualitativa e da modalidade proposta.

A pesquisa qualitativa, segundo Chizzotti (2006, p. 28), “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que são perceptíveis a uma atenção sensível”. Dessa forma, a pesquisa qualitativa admite que a realidade é fluente e contraditória e que “os processos de investigação dependem do pesquisador” (CHIZZOTTI, 2006, p. 26), que interpreta fatos a partir dos significados apresentados pelos fatos.

A modalidade estudo de caso de caráter interpretativista procura lidar com a “complexidade da atividade social e educacional e privilegia a investigação profunda, em lugar da abrangente” (CHADDERTON; TORRANCE, 2015, p. 91). Esse tratamento profundo dado pelo estudo de caso interpretativista nos permite fazer análise mais extensiva dos sinais.

Desse modo, com base nos conceitos de metáfora e de metonímia apresentados, foram escolhidos quatro sinais de Libras para detalhar o processo de existência da metáfora e da metonímia nessa língua. Os quatro sinais propostos foram escolhidos aleatoriamente, sendo: dois sinais que expressam sentimentos – angústia e ódio – e dois sinais que expressam processos mentais – aprender e raciocinar. A partir dessa escolha, apresentamos e analisamos *mappings* metafóricos e metonímicos na representação icônica desses sinais.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE SINAIS

A presença da metáfora e da metonímia em língua de sinais vem sendo demonstrada por diversos pesquisadores. Contudo, a proposta deste artigo é analisar as relações existentes entre o domínio fonte e o alvo da metáfora e como se dá a materialização da metonímia na iconicidade de Libras em quatro sinais.

Com base nos conceitos já apresentados, segundo os quais a metáfora é a relação existente entre dois domínios, fonte e alvo, e a metonímia ocorre dentro de um mesmo domínio (LITTLEMORE, 2015), propomos a esquematização dos seguintes sinais em Libras para apresentar a presença de metáforas e de metonímias. Os sinais escolhidos foram: angústia, ódio, aprender e racionar.

### 4.1 ANGÚSTIA

O sinal do sentimento angústia é representado conforme a Figura 3.

Figura 3 – Sinal de angústia



Fonte: Arquivo dos autores.

O sentimento angústia é a compressão de um objeto. No caso do ser humano, essa compressão se dá por algum fator externo e ocorre no tronco – em um contêiner. Portanto, a ação corpórea acontece em órgãos internos, no peito, e a seguinte relação metafórica é estabelecida:

- Angústia é contração do tórax.
- Tórax é um contêiner.
- Angústia é um fluido.

A partir das metáforas conceituais apresentadas, podemos perceber que a contração corpórea é sinalizada iconicamente no tórax. Além disso, a parte externa do tórax em relação à totalidade do tórax representa a metonímia desse signo. Assim sendo, é na contração corpórea que o sinal em Libras se fixa metonimicamente. Ou seja, a partir da entrada corpórea da contração em Libras, que é icônica e metonímica, é possível percebermos o acesso às demais relações metafóricas existentes entre os domínios alvo e fonte, conforme podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1- Domínios alvo e fonte do sentimento angústia

<b>Domínio alvo</b>	<b>Domínio fonte</b>
<b>ANGÚSTIA É</b>	<b>APERTO DE UM OBJETO</b>
Fator externo	Agente
Indivíduo	Paciente (objeto)
Tronco	Contêiner
Órgão interno	Conteúdo
Contração	Ação Corpórea

Fonte: Elaborada pelos autores.

## 4.2 ÓDIO

O sinal do sentimento ódio é representado pela explosão de um objeto. No caso do ser humano, essa explosão se dá por algum fator externo e ocorre no tronco – em um contêiner –, conforme podemos observar na Figura 4.

Essa explosão que ocorre em um contêiner, que é o coração, estabelece a seguinte relação metafórica:

- a) Ódio é explosão no tronco.
- b) Tronco é um contêiner.
- c) Ódio é um gás.

Figura 4 – Sinal de ódio



Fonte: Arquivos dos autores.

A partir das metáforas conceituais apresentadas, podemos perceber que a explosão corpórea é sinalizada iconicamente no tronco.

Além disso, a parte externa do tronco em relação à totalidade do tronco representa a metonímia desse signo. Assim sendo, é na ação corpórea de arrancar um sentimento gasoso que o sinal em Libras se fixa metonimicamente. Ou seja, a partir da ação corpórea de arrancar o sentimento, que é icônica e metonímica, é possível percebermos o acesso às demais relações metafóricas existentes entre os domínios alvo e fonte, conforme podemos observar no Quadro 2.

Quadro 2 - Domínios alvo e fonte do sentimento ódio

Domínio alvo	Domínio fonte
<b>ÓDIO É</b>	<b>EXPLOSÃO DE GÁS</b>
Fator externo	Agente
Indivíduo	Paciente (objeto)
Tronco	Contêiner
Coração	Conteúdo
Arrancar	Ação Corpórea

Fonte: Elaborada pelos autores.

## 4.3 APRENDER

O sinal do processo mental aprender é representado conforme a Figura 5.

Figura 5 – Sinal de aprender



Fonte: Arquivo dos autores.

Aprender é pegar um objeto e colocá-lo na cabeça. No caso do ser humano, o apanhar desse objeto representando o conhecimento, o qual é guardado na mente/cognição – em um contêiner –, acontece mediante ação corpórea física que representa a ação mental/cognitiva/perceptiva na região da cabeça. Desse modo, a ação corpórea acontece em um órgão interno específico, na cabeça, e a seguinte relação metafórica é estabelecida:

- a) Aprender é pegar um objeto.
- b) Cabeça é um contêiner.
- c) Aprender é colocar objeto na cabeça.

Com as metáforas conceituais apresentadas, percebemos que a cabeça é reprodução metonímica do cérebro, onde ocorrem os processos mentais; portanto, é uma metonímia do tipo contidamente pelo conteúdo. Dessa forma, é na cabeça que o sinal se fixa iconicamente e metonimicamente. A partir da entrada corpórea de se apanhar o conhecimento e guardá-lo na mente, de forma icônica e metonímica, é possível percebermos o acesso a outras relações metafóricas entre os domínios alvo e fonte, conforme podemos observar no Quadro 3.

Quadro 3 - Domínios alvo e fonte do processo mental aprender

Domínio alvo	Domínio fonte
<b>APRENDER É</b>	<b>PEGAR OBJETOS</b>
Conhecimento	Objeto
Mente/cognição	Contêiner
Ação mental/cognitiva/ Perceptiva	Ação Corpórea Física

Fonte: Elaborada pelos autores.

#### 4.4 RACIOCINAR

O sinal do processo mental raciocinar é representado conforme a Figura 6.

Figura 6 – Sinal de raciocinar



Fonte: Arquivo dos autores.

Raciocinar é movimentar objetos na cabeça. No caso do ser humano, o movimento de um objeto é a representação de ideias em processamento dentro do cérebro – o contêiner. Portanto, a ação corpórea acontece em um órgão interno específico, na cabeça, e a seguinte relação metafórica é estabelecida:

- a) Raciocinar é movimento.
- b) Cabeça é um contêiner.
- c) Raciocinar é manipular objetos na cabeça.

Assim sendo, a ação corpórea física acontece na região na cabeça, novamente substituindo metonimicamente o cérebro pela cabeça; ou seja, a parte pelo todo. A partir da entrada corpórea, que é icônica e metonímica, é possível percebermos que há acesso às demais relações metafóricas existentes entre os domínios alvo e fonte, conforme podemos observar no Quadro 4.

Quadro 4 - Domínios alvo e fonte do processo mental raciocinar

Domínio alvo	Domínio fonte
<b>RACIOCINAR É</b>	<b>MOVIMENTAR OBJETOS</b>
Ideias	Objeto
Cérebro	Contêiner
Ação mental/cognitiva	Ação Corpórea Física

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os sinais analisados neste artigo revelam que há relações metafóricas e metonímicas baseadas em *mappings*, a partir de pressupostos estabelecidos para formação conceitual do signo, conforme preceituam Lakoff e Johnson (1980), Kövecses (2010) e Littlemore (2015). Os *mappings* desses sinais apresentam um domínio fonte mais concreto, que é utilizado para explicar o domínio alvo, mais abstrato. Partes do corpo (contêineres), em Libras, recebem e expõem sentimentos, além de agirem e movimentarem objetos, em uma relação icônica visível da parte pelo todo, constituindo a metonímia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao avaliarmos os sinais ódio, angústia, aprender e raciocinar em Libras, percebemos que a relação conceitual dos sinais apresenta uma iconicidade na elaboração das metáforas e das metonímias, que pode ser identificada pelos *mappings*.

Essa iconicidade demonstra uma representação do surdo na construção e visão do social, que por sua vez se reflete na codificação da língua. Os sinais analisados, que têm como domínio alvo o indivíduo, trazem como domínio fonte o movimento corpóreo na elaboração mental do conteúdo assimilado pelo surdo e simbolizado, metonimicamente, pelo signo.

Assim sendo, o uso da imagem como fonte da elaboração do sinal demonstra que a Libras, língua de modalidade viso-espacial, constitui metonímias significativas que são a base da elaboração de metáforas. A iconicidade faz referência pontual, seletiva e concreta na porta de entrada da metonímia, o que permite a compreensão conceitual do sinal por meio de uma metáfora complexa.

Sendo assim, o estudo da pesquisa deste artigo aponta a existência de metáforas e de metonímias na língua de sinais, que são impregnadas do social e cultural da língua no contexto no qual o surdo está inserido. Ressaltamos, ainda, nosso interesse em pesquisar novos sinais a partir da metodologia constituída neste artigo, a fim de gerar *corpus* para análises futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática, texto, reflexão e uso*. 3. ed. São Paulo: Atual, 2009.
- CHADDERTON, C.; TORRANCE, H. Estudo de casos. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (Org.). *Teoria e métodos de pesquisa social*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- COSTA, J. M. *Leitura e compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores*. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015.
- FAULSTICH, E. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilingüismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cânone, 2007. v. 1, p. 143-157.
- GIBBS JUNIOR, R. W. *The poetics of mind: figurative look on the bright side (consistent idiom) thought, language, and understanding*. New York: Optimism is Light: Cambridge University Press, 1994.
- KÖVECSSES, Z. *Metaphor in culture*. Cambridge, 2005. (CUP).
- KÖVECSSES, Z. *Metaphor, a practical introduction*. Second Edition, Oxford, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LITTLEMORE, J. *Metonymy*. Cambridge: University de Cambridge, 2015.
- PIERCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000 [1914].
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1913].
- STOKOE, W. *Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf*. 1960. (Studies in Linguistics, Occasional Papers).
- WILCOX, P. P. *Metaphor in american sign language*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.
- WILCOX, S.; WILCOX, P. P.; JARQUE, M. J. Mappings in conceptual space: metonymy, metaphor and iconicity in two signed languages. *Jezikoslovlje*, v. 4, n. 1, p. 139-156, 2004.